O inquietante na experiência materna em Precisamos falar sobre o Kevin

The uncanny in maternal experience in We Need to Talk About Kevin

Lo siniestro en la experiencia materna en Tenemos que hablar de Kevin

Título abreviado: O inquietante na experiência materna

Dados das autoras

Laura Azevedo Diniz

Graduanda em Psicologia pela Faculdade Pernambucana de Saúde

Afiliação atual: Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, PE, Brasil

E-mail: lauraazevedodiniz@gmail.com

Maria Eduarda de Oliveira Carneiro

Graduanda em Psicologia pela Faculdade Pernambucana de Saúde

Afiliação atual: Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, PE, Brasil

E-mail: dudacarneiro0309@gmail.com

Orientadora: Kamilla Layone Rocha Silva Gurgel

Psicóloga, mestre em Psicologia da Saúde pela Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e em Intervenções Clínicas na Abordagem Psicanalítica pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). Docente do curso de Psicologia da FPS.

Afiliação: Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, PE, Brasil.

ORCID: https://orcid.org/0009-0008-5173-1088

E-mail: kamilla.gurgel@fps.edu.br

Coorientadora: Marina Vasconcelos Cursino

Psicóloga, mestre em Psicologia pela Universidade de Pernambuco (UPE) e especialista em Psicologia Clínica e Hospitalar pelo Programa de Residência Uniprofissional do IMIP. Coordenadora adjunta da PSI FPS.

Afiliação: Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, PE, Brasil.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7696-184X

E-mail: marina.cursino@fps.edu.br

Correspondência referente a este artigo:

Maria Eduarda de Oliveira Carneiro

E-mail: dudacarneiro0309@gmail.com

Contribuição de cada autora para o artigo:

Laura Azevedo Diniz: concepção do estudo, levantamento bibliográfico, seleção e análise das cenas e redação do manuscrito.

Maria Eduarda de Oliveira Carneiro: concepção do estudo, levantamento bibliográfico, seleção e análise das cenas e redação do manuscrito.

Resumo

Este artigo analisa de que modo o inquietante freudiano se manifesta na experiência materna de Eva no filme *Precisamos falar sobre o Kevin*. Trata-se de um estudo teórico e interpretativo, baseado na análise de cenas selecionadas à luz do conceito psicanalítico de inquietante, da discussão sobre sentimentos hostis na maternidade e da crítica à idealização social do cuidado materno. A análise indica que o estranhamento de Eva não se dirige apenas ao filho: a relação também a confronta com sentimentos de irritação, hostilidade e culpa que entram em conflito com a imagem da mãe incondicionalmente amorosa. A narrativa não linear intensifica esse efeito ao apresentar episódios da vida familiar à luz do massacre, atribuindo-lhes novos sentidos sem demonstrar que antecipavam a violência. Conclui-se que o inquietante emerge da coexistência de intimidade e estranhamento no vínculo entre Eva e Kevin e se intensifica quando o massacre transforma a maneira como as lembranças da vida familiar são revisitadas.

Palavras-chave: psicanálise, maternidade, relações mãe-filho.

Abstract

This article examines how the Freudian uncanny manifests in Eva's maternal experience in the film *We Need to Talk About Kevin*. It is a theoretical and interpretive study based on selected scenes, read through the psychoanalytic concept of the uncanny, discussions of hostile feelings in motherhood, and critiques of the social idealization of maternal care. The analysis indicates that Eva's sense of estrangement is directed not only toward her son: their relationship also confronts her with irritation, hostility, and guilt, feelings that conflict with the image of an unconditionally loving mother. The nonlinear narrative heightens this effect by presenting episodes of family life in light of the massacre, giving them new meanings without showing that they foreshadowed the violence. The article concludes that the uncanny emerges from the coexistence of intimacy and

estrangement in Eva and Kevin's relationship and intensifies when the massacre changes how memories of family life are revisited.

Keywords: psychoanalysis, motherhood, mother-child relations.

Resumen

Este artículo analiza cómo lo siniestro freudiano se manifiesta en la experiencia materna de Eva en la película *Tenemos que hablar de Kevin*. Se trata de un estudio teórico e interpretativo basado en el análisis de escenas seleccionadas a la luz del concepto psicoanalítico de lo siniestro, de las reflexiones sobre los sentimientos hostiles en la maternidad y de la crítica a la idealización social del cuidado materno. El análisis indica que el extrañamiento de Eva no se dirige únicamente a su hijo: la relación también la enfrenta con sentimientos de irritación, hostilidad y culpa que entran en conflicto con la imagen de una madre que ama incondicionalmente. La narración no lineal intensifica este efecto al presentar episodios de la vida familiar a la luz de la masacre, atribuyéndoles nuevos sentidos sin demostrar que anticipaban la violencia. Se concluye que lo siniestro surge de la coexistencia de intimidad y extrañamiento en el vínculo entre Eva y Kevin y se intensifica cuando la masacre transforma la manera en que se revisitan los recuerdos de la vida familiar.

Palabras clave: psicoanálisis, maternidad, relaciones madre-hijo.

Introdução

A família constitui um dos principais espaços de constituição psíquica do sujeito, sendo atravessada por relações simbólicas, afetivas e normativas que participam de seu desenvolvimento emocional. No campo da psicanálise, tais relações são compreendidas para além de suas manifestações visíveis, considerando-se também os aspectos inconscientes que estruturam os vínculos familiares e seus possíveis impasses (Faria, 2014).

Nesse contexto, destaca-se o conceito de estranho familiar (*Unheimlich*), desenvolvido por Sigmund Freud, que se refere a uma experiência de inquietação diante de algo que, embora possua caráter familiar, apresenta-se de maneira estranha e perturbadora. Para Freud (1919/2010), o inquietante não corresponde simplesmente ao desconhecido ou ao assustador, mas pode estar relacionado ao retorno de algo que foi afastado da consciência ou à reaparição de crenças infantis consideradas superadas. Assim, não basta que uma situação familiar provoque medo: é preciso investigar o que nela emerge como simultaneamente íntimo e estranho.

É nesse campo de tensão entre o familiar e o estranho que se insere o filme *Precisamos falar sobre o Kevin*, dirigido por Lynne Ramsay (2011). A narrativa apresenta uma família marcada por conflitos e dificuldades na relação entre Eva e seu filho Kevin, evidenciando diferentes formas de vivenciar e responder aos acontecimentos que atravessam o vínculo entre ambos. Ao longo do filme, situações envolvendo Kevin produzem em Eva sentimentos de estranhamento, angústia e desestabilização, especialmente porque tais experiências se desenvolvem no interior da relação entre mãe e filho. A alternância entre acontecimentos anteriores e posteriores ao massacre também modifica a maneira como a história familiar é apresentada ao espectador.

Na relação entre Eva e Kevin, aquilo que pertence ao campo da intimidade familiar é atravessado por experiências de estranhamento e angústia. O inquietante, portanto, não é localizado exclusivamente na figura de Kevin, mas investigado na experiência de Eva em sua relação com o filho, na qual proximidade e afastamento, cuidado e hostilidade podem coexistir. Assim, a análise do filme permite perguntar de que maneira o *Unheimlich* se manifesta nessa relação e nos sentidos que Eva atribui às experiências vividas em família.

A análise da relação entre Eva e Kevin também será articulada às contribuições de Donald W. Winnicott acerca da experiência materna, especialmente no que se refere à coexistência de sentimentos amorosos e hostis na relação entre mãe e filho. Essa perspectiva permite questionar a ideia de uma maternidade sustentada exclusivamente pelo amor e considerar a ambivalência como parte possível da experiência materna (Winnicott, 1947/2000). A discussão sobre a idealização social do cuidado materno contribui, ainda, para compreender a tensão entre aquilo que se espera da maternidade e os sentimentos vivenciados por Eva (Iaconelli, 2023).

Diante disso, o objetivo deste estudo é analisar de que modo o inquietante freudiano se manifesta na relação entre Eva e Kevin, considerando a experiência materna e a forma como essa relação é apresentada no filme.

Para isso, busca-se compreender o conceito de estranho familiar (*Unheimlich*) na teoria freudiana; analisar as experiências de estranhamento e ambivalência presentes na relação entre Eva e Kevin; e examinar como a narrativa não linear e a culpa atravessam a maneira pela qual Eva revisita sua história com o filho.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, teórica e interpretativa, baseada na leitura de cenas selecionadas do filme e em referenciais psicanalíticos. Os critérios de seleção das cenas e o percurso interpretativo são descritos adiante.

1. Fundamentação teórica

1.1. O inquietante freudiano

O conceito de estranho familiar, denominado por Sigmund Freud *Unheimlich*, foi desenvolvido no texto "O inquietante" (1919), sendo compreendido como uma experiência marcada pela angústia e pelo estranhamento diante de algo que, ao mesmo tempo em que parece estranho, possui caráter familiar. Para Freud, o inquietante não se relaciona apenas ao novo ou desconhecido, mas pode surgir quando algo familiar retorna de maneira perturbadora (Freud, 1919/2010).

Freud parte de uma investigação etimológica da palavra alemã *heimlich*, associada ao que é íntimo, doméstico, conhecido e pertencente ao espaço familiar. Entretanto, o autor demonstra que o próprio termo carrega uma ambiguidade, podendo também remeter ao oculto e ao secreto. Dessa forma, *unheimlich* não representa simplesmente o oposto do familiar: o que é íntimo ou conhecido pode também se apresentar como estranho e causar inquietação. Freud (1919/2010) relaciona o inquietante tanto ao retorno do recalcado quanto à reativação de crenças infantis consideradas superadas. Essas possibilidades não autorizam tomar toda experiência doméstica desagradável como inquietante. Nesse sentido, determinadas experiências tornam-se perturbadoras não por serem totalmente desconhecidas, mas porque fazem reaparecer algo que parecia afastado ou superado.

Ao longo do texto, Freud apresenta exemplos literários e cotidianos capazes de produzir a sensação de inquietante, como a repetição involuntária de situações, a presença do duplo e a incerteza diante de acontecimentos que parecem contrariar a compreensão habitual da realidade. Tais elementos podem produzir angústia ao colocar em dúvida aquilo que parecia conhecido ou seguro.

A figura do duplo ocupa posição importante na elaboração freudiana do inquietante. Inicialmente relacionada a uma forma de proteção narcísica contra a morte, ela pode adquirir caráter ameaçador. Dessa forma, uma figura antes associada à preservação do sujeito passa a ser experimentada como fonte de estranhamento e desconforto (Freud, 1919/2010).

No campo da psicanálise, o conceito de estranho familiar possibilita compreender experiências nas quais o íntimo e o familiar também podem produzir tensão e estranhamento.O inquietante pode manifestar-se nas relações familiares quando algo vivido como íntimo e conhecido passa a causar estranhamento. Na relação entre Eva e Kevin, essa possibilidade aparece não apenas nos conflitos entre mãe e filho, mas também no desconforto de Eva diante de sentimentos próprios que entram em choque com a imagem de mãe que esperava reconhecer em si.

A partir dessa perspectiva, o conceito de *Unheimlich* mostra-se relevante para a análise da experiência materna apresentada em *Precisamos falar sobre o Kevin*, possibilitando investigar como aquilo que pertence ao campo do íntimo, do familiar e da relação entre mãe e filho pode adquirir contornos de estranhamento e angústia. Mais do que localizar o inquietante na figura de Kevin, interessa compreender como ele emerge na experiência de Eva nessa relação, atravessada por ambivalências, expectativas e afetos que tensionam aquilo que socialmente se espera da maternidade. Desse modo, o inquietante será tomado como uma possibilidade de leitura da

experiência materna de Eva, permitindo interrogar como o familiar pode, nessa relação, tornar-se simultaneamente estranho e perturbador.

1.2. Maternidade, maternalismo e ambivalência

A maternidade é atravessada por construções sociais e culturais que historicamente atribuíram às mulheres a responsabilidade principal pelo cuidado dos filhos. Essa concepção contribuiu para a formação de um ideal materno associado à dedicação, ao cuidado e ao amor incondicional, produzindo expectativas acerca daquilo que uma mãe deve sentir e da maneira como deve exercer a maternidade (Ferrari & Ribeiro, 2020).

Iaconelli (2023), em *Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução*, problematiza esse modelo ao discutir o maternalismo como um discurso que naturaliza a associação entre mulher, maternidade e cuidado. A autora questiona a ideia de que existiria uma disposição naturalmente feminina para o exercício da maternidade e aponta para os efeitos de um modelo que atribui às mulheres uma responsabilidade privilegiada e, muitas vezes, idealizada pelo cuidado das novas gerações.

Nessa perspectiva, torna-se importante distinguir a experiência da maternidade dos ideais construídos em torno dela. A concepção de um amor materno natural, espontâneo e incondicional tende a desconsiderar a complexidade dos afetos presentes na relação entre mães e filhos. A experiência materna pode ser atravessada não apenas por amor e cuidado, mas também por sentimentos de raiva, frustração, rejeição e culpa, sem que a presença desses afetos, por si só, determine a ausência de vínculo ou de cuidado. Iaconelli (2023) questiona a idealização de um amor materno isento de contradições e destaca o caráter construído da relação com os filhos.

A possibilidade de coexistência de sentimentos contraditórios permite pensar a ambivalência como parte da experiência materna, afastando-se de uma representação homogênea e idealizada da maternidade. Quando determinados afetos entram em conflito com aquilo que socialmente se espera de uma mãe, podem emergir experiências de culpa, inadequação e estranhamento diante dos próprios sentimentos.

Winnicott (1947/2000), em "O ódio na contratransferência", discute a coexistência de amor e ódio no cuidado de um bebê. Ao enumerar circunstâncias que podem suscitar sentimentos hostis na mãe, o autor questiona a exigência de um afeto materno invariavelmente amoroso. Sua formulação permite reconhecer a ambivalência sem deduzir da hostilidade materna a violência futura de um filho.

A crítica ao maternalismo oferece, assim, elementos para compreender a maternidade como uma experiência subjetiva complexa, que não se reduz a uma disposição natural para o amor e o cuidado. Essa perspectiva possibilita considerar tanto os vínculos construídos entre mãe e filho quanto os conflitos e afetos ambivalentes que podem atravessá-los, oferecendo subsídios para a posterior análise da experiência materna apresentada em *Precisamos falar sobre o Kevin*.

2. Análise do filme

Em *Precisamos falar sobre o Kevin*, a experiência materna de Eva e sua relação com o filho constituem o eixo central da análise. A apresentação da obra e da dinâmica familiar permite situar as cenas que serão discutidas à luz do conceito psicanalítico de inquietante (*Unheimlich*).

A análise concentra-se especialmente nas situações em que a relação entre Eva e Kevin é atravessada por sentimentos de proximidade e estranhamento, cuidado e hostilidade, vínculo e rejeição. Tais elementos serão retomados na seção seguinte, no qual cenas selecionadas da obra serão discutidas à luz dos referenciais psicanalíticos adotados neste estudo.

2.1. Apresentação da obra

O filme *Precisamos falar sobre o Kevin* (*We Need to Talk About Kevin*), dirigido por Lynne Ramsay e lançado em 2011, é uma adaptação cinematográfica do romance homônimo escrito por Lionel Shriver. A obra apresenta uma narrativa marcada por intensas tensões psicológicas e familiares, acompanhando a trajetória de Eva Khatchadourian e sua relação com o filho Kevin desde a infância até a adolescência.

A narrativa é construída de forma não linear, alternando acontecimentos anteriores e posteriores ao massacre, o que contribui para a produção de um clima constante de angústia e inquietação. Ao longo do filme, o espectador acompanha o sofrimento de Eva diante das dificuldades estabelecidas na relação com o filho e de comportamentos de Kevin que ela vivencia como hostis ou difíceis de compreender.

A obra ultrapassa uma leitura simplificada sobre violência juvenil, permitindo reflexões acerca da constituição subjetiva, das relações familiares e dos impasses presentes na parentalidade. Nesse sentido, o filme apresenta importante potencial analítico para a psicanálise, especialmente no que se refere ao conceito de estranho familiar, uma vez que Kevin ocupa o lugar de filho e, ao mesmo tempo, é vivido por Eva como fonte de estranhamento dentro da dinâmica familiar.

Além disso, a narrativa evidencia diferentes formas de posicionamento dos pais diante dos comportamentos de Kevin. Enquanto Eva demonstra crescente inquietação frente às situações vividas com o filho, Franklin, pai de Kevin, em diversas ocasiões não compartilha sua percepção sobre os conflitos. Tal diferença torna-se relevante para a compreensão das tensões presentes na obra.

2.2. A dinâmica familiar

A dinâmica familiar apresentada no filme é atravessada, sobretudo, pela relação ambivalente estabelecida entre Eva e Kevin. Desde os primeiros anos de vida do filho, a experiência materna de Eva é marcada pela coexistência de afetos contraditórios, como cuidado, rejeição, culpa, hostilidade e angústia. Esses sentimentos não aparecem de maneira isolada ou excludente, mas coexistem ao longo da narrativa, evidenciando a complexidade do vínculo construído entre mãe e filho.

A maternidade parece produzir em Eva uma experiência marcada por conflitos desde antes do nascimento de Kevin. A personagem demonstra dificuldades diante das transformações provocadas pela gestação e pela chegada do filho, especialmente em relação à vida que possuía anteriormente e às mudanças decorrentes da maternidade. Ao mesmo tempo em que assume os cuidados e responsabilidades maternas, também vivencia incômodo, frustração e estranhamento diante dessa nova posição e da relação que passa a estabelecer com Kevin.

Essa coexistência de afetos torna-se particularmente significativa na medida em que contrasta com uma concepção idealizada da maternidade, frequentemente associada a um amor espontâneo, incondicional e naturalmente estabelecido entre mãe e filho. Na experiência de Eva, entretanto, a maternidade não se apresenta dessa forma. O vínculo com Kevin é atravessado por dificuldades de

aproximação, momentos de hostilidade e sentimentos que parecem entrar em conflito com aquilo que se espera socialmente de uma mãe, contribuindo para a presença recorrente da culpa em sua experiência.

A relação entre Eva e Kevin também é marcada por estranhamento. Eva encontra dificuldades para compreender o filho e atribuir sentido a determinados comportamentos, enquanto suas tentativas de aproximação são frequentemente acompanhadas por tensão e desconforto. Ao longo da narrativa, essa dificuldade não elimina o vínculo entre ambos; ao contrário, cuidado e rejeição, proximidade e afastamento, reconhecimento e estranhamento permanecem coexistindo na relação.

É nessa ambivalência que a experiência materna apresentada no filme pode ser aproximada da problemática do inquietante. Aquilo que pertence ao campo mais íntimo e familiar, a maternidade e a relação com o próprio filho, passa também a ser experimentado como fonte de angústia e estranheza. Desse modo, o inquietante não precisa ser localizado exclusivamente em Kevin ou compreendido como uma característica do personagem, mas pode ser pensado a partir daquilo que emerge na própria experiência de Eva em sua relação com ele.

Assim, a dinâmica entre mãe e filho constitui um eixo central para a compreensão da obra, uma vez que coloca em tensão a familiaridade do vínculo materno e os sentimentos de estranhamento que atravessam essa relação. A experiência de Eva permite, portanto, problematizar tanto a ambivalência presente na maternidade quanto as expectativas construídas em torno do amor materno, oferecendo elementos para a posterior articulação entre maternidade e inquietante na análise psicanalítica do filme.

2.3. O inquietante na relação entre Eva e Kevin

A relação entre Eva e Kevin é atravessada por uma constante tensão entre proximidade e estranhamento. Embora unidos pelo vínculo entre mãe e filho, a narrativa apresenta dificuldades de aproximação e reconhecimento entre os personagens, fazendo com que situações pertencentes ao cotidiano familiar sejam frequentemente marcadas por desconforto, hostilidade e angústia.

Uma das cenas que evidencia essa dinâmica ocorre durante o período de desfralde de Kevin. Em uma situação cotidiana de cuidado, a repetição das demandas envolvidas no cuidado do filho provoca crescente exaustão em Eva, que reage de maneira agressiva. A cena reúne, em um mesmo momento, cuidado, corpo, irritação e violência, evidenciando a complexidade dos afetos presentes na relação entre ambos.

Outra cena relevante ocorre quando Eva observa diferenças na maneira como Kevin se comporta diante dela e de Franklin. Enquanto a relação entre mãe e filho é frequentemente atravessada por tensão e hostilidade, na presença do pai Kevin assume, em determinados momentos, uma postura mais próxima e afetuosa. Essa diferença contribui para que Eva questione suas próprias percepções sobre o filho e encontre dificuldades para compartilhar com os demais aquilo que experimenta na relação com ele.

Outro elemento significativo é o arco e flecha recebido por Kevin como presente. Inicialmente inserido no cotidiano familiar e associado a momentos de proximidade, o objeto assume posteriormente outro significado ao ser utilizado como instrumento de violência. A transformação do sentido desse objeto familiar acompanha o movimento da narrativa, na qual situações e lembranças da vida doméstica passam a ser vistas de outra maneira após o massacre.

Dessa forma, a relação entre Eva e Kevin é apresentada como um vínculo marcado pela coexistência de proximidade, cuidado, conflito e estranhamento. Esses elementos serão retomados

na seção de análise e discussão, a partir de cenas selecionadas do filme, buscando articulá-los ao conceito de inquietante e à ambivalência presente na experiência materna.

3. Análise e discussão

3.1. Do familiar ao inquietante: quando o filho se torna estrangeiro

A relação entre Eva e Kevin é marcada por uma proximidade que, ao longo da narrativa, passa a conviver com o estranhamento. Kevin é seu filho e está inserido desde o nascimento em seu cotidiano, mas essa familiaridade não se traduz em uma experiência constante de reconhecimento e segurança. Eva demonstra, em diferentes momentos, dificuldade para compreender seus comportamentos e estabelecer com ele uma relação que corresponda às expectativas atribuídas ao vínculo entre mãe e filho.

Essa experiência pode ser examinada a partir do *Unheimlich* freudiano, que não se refere simplesmente ao encontro com aquilo que é desconhecido, mas também à emergência do estranho no interior do que é familiar (Freud, 1919/2010). No caso de Eva, essa perspectiva permite investigar o estranhamento que emerge em uma relação íntima e familiar: a relação com o próprio filho.

A situação do desfralde, apresentada anteriormente, evidencia essa dinâmica. Uma experiência cotidiana de cuidado infantil transforma-se em uma situação de tensão e exaustão para Eva, que demonstra dificuldade em lidar com o comportamento de Kevin e reage de maneira agressiva. O que pertence ao campo do familiar, como a rotina doméstica e os cuidados com o filho, passa a ser vivenciado também como fonte de desconforto e afastamento.

Esse movimento revela que o estranhamento não está localizado exclusivamente em Kevin, mas também na própria experiência de Eva diante dele. A personagem reconhece o filho em sua posição familiar, acompanha seu desenvolvimento e compartilha com ele o espaço doméstico, mas encontra dificuldades para atribuir sentido às suas atitudes e aos sentimentos que a relação desperta nela. Há, portanto, uma distância entre a proximidade do vínculo e a possibilidade de reconhecimento do outro e de si nessa relação.

Dessa forma, a relação entre Eva e Kevin permite pensar uma dimensão do *Unheimlich*: aquilo que é familiar não deixa de sê-lo, mas pode passar a ser experimentado de maneira perturbadora. Kevin permanece sendo filho de Eva e parte de sua história, ao mesmo tempo em que a relação com ele produz estranhamento e inquietação. O *Unheimlich*, nesse sentido, não é tratado como uma característica própria de Kevin, mas como uma possibilidade de leitura da experiência que emerge no vínculo entre mãe e filho.

3.2. "Uma mãe deve amar seu filho": ambivalência materna e o inquietante

A experiência de Eva também pode ser compreendida a partir da tensão entre os sentimentos efetivamente vivenciados na maternidade e as expectativas sociais associadas ao lugar materno. Ao longo do filme, a personagem demonstra sentimentos contraditórios em relação ao filho, nos quais convivem cuidado, afeto, irritação, rejeição, culpa e sofrimento. Essa coexistência não precisa ser compreendida como uma contradição que invalida o vínculo materno, mas como expressão da ambivalência presente nas relações afetivas.

Winnicott (1947/2000), ao abordar o ódio na relação entre mãe e bebê, chama atenção para a possibilidade de coexistência de sentimentos amorosos e hostis na experiência materna. A presença de sentimentos hostis, portanto, não significa necessariamente ausência de amor ou de investimento

no filho. A partir dessa perspectiva, torna-se possível questionar a concepção idealizada de uma maternidade marcada por amor constante, espontâneo e incondicional.

Essa discussão também é desenvolvida por Campos (2019), para quem a ambivalência materna envolve a coexistência de aspectos psíquicos contraditórios, como amor e ódio dirigidos à mesma pessoa. A autora relaciona essa experiência aos modelos culturais que sustentam expectativas de perfeição em torno da maternidade, dificultando o reconhecimento de sentimentos que não correspondem ao ideal socialmente estabelecido. Nesse sentido, a experiência materna não se reduz à presença de sentimentos positivos, podendo envolver conflitos e afetos diversos.

Essa tensão é particularmente significativa na trajetória de Eva, uma vez que a personagem parece confrontar continuamente aquilo que sente com aquilo que acredita que deveria sentir enquanto mãe. A dificuldade de lidar com a própria ambivalência contribui para a emergência da culpa e para os questionamentos sobre sua posição materna. Iaconelli (2023), ao problematizar o maternalismo, contribui para compreender como determinados discursos naturalizam a maternidade e associam o cuidado materno a uma disposição supostamente espontânea e incondicional, produzindo expectativas que podem entrar em conflito com a experiência concreta das mulheres.

É nesse ponto que a ambivalência materna pode ser relacionada ao inquietante. Para Eva, aquilo que deveria ser familiar, como sua própria posição de mãe e os sentimentos dirigidos ao filho, também se torna fonte de estranhamento. A personagem não se depara apenas com um filho que lhe parece difícil de compreender; ela também se confronta com sentimentos próprios que não correspondem à imagem idealizada da maternidade. O inquietante, portanto, pode ser investigado tanto na relação com o outro quanto naquilo que a própria personagem encontra em si mesma.

Desse modo, a experiência de Eva evidencia que o estranhamento pode surgir no interior de uma posição socialmente apresentada como familiar e natural. A maternidade, quando atravessada pela ambivalência, deixa de aparecer como uma experiência unívoca e passa a revelar conflitos que desafiam o ideal de amor materno incondicional. É nessa tensão entre o que se espera da maternidade e aquilo que Eva experimenta que a dimensão inquietante da relação pode ser investigada.

3.3. Depois do massacre: culpa, repetição e o retorno do inquietante

A relação entre Eva e Kevin não é encerrada após o massacre. Mesmo diante da violência cometida pelo filho, Eva continua estabelecendo contato com ele e o visitando. Essa permanência do vínculo produz uma tensão central na narrativa: Kevin continua ocupando o lugar de filho, mas sua presença também está associada ao acontecimento que transformou profundamente a vida de Eva.

Ao longo do filme, a narrativa retorna repetidamente a acontecimentos relacionados ao filho, apresentando diferentes momentos da história familiar. Esse movimento faz com que experiências vividas no cotidiano sejam retomadas à luz do conhecimento posterior sobre o massacre. Assim, situações que pertenciam à convivência entre mãe e filho passam a adquirir novos sentidos para Eva e para o espectador.

A culpa também atravessa esse retorno ao passado. Eva parece buscar, nas próprias lembranças, elementos que possam ajudá-la a compreender o que aconteceu e a estabelecer alguma relação entre sua experiência materna e a trajetória de Kevin. Entretanto, essa busca não produz uma resposta definitiva. A retomada dessas cenas não demonstra que Eva poderia ter previsto ou evitado a violência; mantém abertas as perguntas que atravessam sua experiência.

É nesse movimento que o inquietante pode voltar a ser investigado. Para Freud (1919/2010), o *Unheimlich* está relacionado, entre outras possibilidades, ao reaparecimento perturbador daquilo que é familiar. No caso de Eva, as lembranças de Kevin, os espaços compartilhados e os acontecimentos que fizeram parte da vida cotidiana não deixam de pertencer à sua história, mas passam a ser vistos à luz do massacre. O familiar, portanto, não desaparece; ele passa a ser experimentado de outra maneira.

A permanência do vínculo após o acontecimento intensifica esse paradoxo. Eva continua sendo mãe de Kevin, e ele continua sendo seu filho, apesar de estar associado ao acontecimento que rompeu a familiaridade de sua vida. Dessa forma, não há uma separação completa entre o filho que pertence à sua história e aquele que passa a representar uma experiência profundamente perturbadora. Ambos permanecem reunidos na mesma figura.

Assim, a culpa e o retorno às lembranças contribuem para manter presente uma relação na qual familiaridade e estranhamento não conseguem ser completamente separados. O inquietante pode ser pensado, portanto, na permanência de Kevin como uma figura simultaneamente próxima e perturbadora para Eva: ele continua sendo aquele que lhe é familiar, mas essa mesma familiaridade passa a carregar aquilo que lhe causa estranhamento e inquietação.

4. Conclusão

Este estudo buscou analisar de que modo o inquietante freudiano se manifesta na experiência materna de Eva em *Precisamos falar sobre o Kevin*. A análise sugere que o estranhamento não está localizado exclusivamente na figura de Kevin: ele também emerge na relação entre mãe e filho e no confronto de Eva com sentimentos que não correspondem ao ideal de amor materno incondicional. As contribuições de Winnicott, Campos e Iaconelli permitiram compreender a

ambivalência presente nessa experiência sem tomá-la como explicação para a violência cometida pelo filho.

A narrativa não linear também participa da construção do inquietante. Após o massacre, acontecimentos e objetos da vida familiar adquirem novos sentidos, embora as cenas não demonstrem que a violência poderia ter sido prevista. Mesmo depois do crime, Eva mantém contato com Kevin, e o vínculo entre ambos permanece atravessado por familiaridade e estranhamento. Como leitura interpretativa de uma obra cinematográfica, o estudo propõe uma compreensão possível dessa relação, sem estabelecer diagnósticos dos personagens ou uma causa única para o massacre.

A análise também abre possibilidades para estudos posteriores. A diferença entre as perspectivas de Eva e Franklin poderia ser examinada com maior profundidade, assim como o papel da montagem na maneira como o espectador interpreta as lembranças familiares. Outra possibilidade seria comparar o filme ao romance de Lionel Shriver, investigando como cada obra constrói a experiência de Eva e a relação com Kevin. Esses caminhos permitiriam ampliar as questões levantadas neste estudo sem pressupor uma explicação definitiva para a violência apresentada na narrativa.

Referências

Camargo, S. de A., & Ferreira, N. P. (2020). O estranho na obra de Sigmund Freud e no ensino de Jacques Lacan. *Trivium: Estudos Interdisciplinares, 12*(1), 81–94. https://doi.org/10.18379/2176-4891.2020v1p.81

Campos, P. (2019). Considerações psicanalíticas em torno da ambivalência materna. *Clínica e Investigación Relacional, 13*(1), lxxxvi–xcvi. https://www.psicoterapiarelacional.es/Portals/0/eJournalCeIR/V13N1_2019/06pt_Campos_Consideracoes-psicoanaliticas-ambivalencia-materna_CeIRV13.pdf

Faria, M. R. (2014). *Constituição do sujeito e estrutura familiar: O complexo de Édipo, de Freud e Lacan* (3ª ed.). Cabral Editora.

Ferrari, R. da S., & Ribeiro, M. F. da R. (2020). Ser mãe, ser pai: Desafios na contemporaneidade. *Cadernos de Psicanálise*, *42*(42), 225–242. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-62952020000100014&script=sci_arttext

Freud, S. (2010). O inquietante. In S. Freud, *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917–1920)* (P. C. de Souza, Trad., pp. 328–376). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)

Iaconelli, V. (2023). *Manifesto antimaternalista: Psicanálise e políticas da reprodução*. Zahar.

Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: A relação de objeto* (D. Duque Estrada, Trad.). Zahar.

Ramsay, L. (Diretora). (2011). *Precisamos falar sobre o Kevin* [Filme]. BBC Films.

Winnicott, D. W. (2000). O ódio na contratransferência. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*(D. Bogomoletz, Trad., pp. 277–287). Imago. (Trabalho original publicado em 1947)

ANEXO - NORMAS DA REVISTA PSICOLOGIA E SAÚDE

Submissão

Open Journal Systems

Idioma

English Español

Português

O cadastro no sistema e posterior acesso, por meio de login e senha, são obrigatórios para a submissão de trabalhos, bem como para acompanhar o processo editorial em curso. Acesso em uma conta existente ou Registrar uma nova conta.

Diretrizes para Autores

Sobre a revista

A revista *Psicologia Clínica* é uma publicação contínua de trabalhos originais em psicologia, que publica artigos em português, inglês e espanhol. Os manuscritos submetidos para publicação devem ser originais, não estar em avaliação por qualquer outro periódico e devem seguir as normas do *Publication Manual of the American Psychological Association* (2020, 7ª edição).

A revista *Psicologia Clínica* é uma publicação do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), lançada em 1986. A revista foi publicada semestralmente desde 2001, após uma modificação e modernização do formato mais antigo, com o objetivo de adequá-la à política editorial implementada pela CAPES em todo o Brasil, e quadrimestralmente de 2016 a 2023. Em 2024, adotou a publicação contínua, com um único volume anual. A revista é de abrangência internacional quanto a autores, corpo editorial e conselho científico. Seu público-alvo são alunos de graduação e de pós-graduação, bem como pesquisadores e profissionais de psicologia e de áreas afins. Os artigos publicados são originais, inéditos e produzidos a partir de pesquisas não divulgadas em outros periódicos da área.

A revista publica estudos teóricos, revisões bibliográficas, resultados de pesquisas empíricas, relatos de experiência profissional e resenhas de obras publicadas recentemente, além de contar ocasionalmente com uma seção especial na qual se publicam entrevistas com pesquisadores de renome. Os artigos devem pertencer a uma das seguintes seções temáticas: (a) Psicanálise: clínica e cultura; (b) Psicologia social: indivíduo e sociedade; (c) Família, casal e criança: teoria e clínica; (d) Clínica e neurociências; (e) Saúde e desenvolvimento humano. Apesar de o periódico ser temático, estamos gradualmente abrindo espaço editorial para artigos em áreas adjacentes à psicologia clínica, num esforço para considerar o atual movimento de diversificação e de abertura de novas fronteiras para pesquisadores e profissionais da área clínica. Os artigos aceitos que forem traduzidos para o inglês pelos autores, com a anuência para sua publicação somente nesta língua, poderão eventualmente ter a sua publicação antecipada, devido à exigência de um mínimo de artigos em inglês por parte das políticas editoriais de revistas científicas.

Os artigos para publicação podem ser dos seguintes tipos:

Estudo teórico: Debate sobre temáticas da área clínica, reflexões teóricas e críticas, dividido em Introdução (que pode estar em tópicos com subtítulos); Conclusão ou Considerações finais; e Referências.

Revisão (integrativa, sistemática ou de escopo): Artigo teórico com método de busca e seleção de estudos delimitados, composto de Introdução (sem subdivisão em tópicos); Método (critérios de inclusão do material na revisão, procedimentos de coleta dos dados dos documentos e procedimentos de análise); Resultados; Discussão; Conclusão ou Considerações finais; e Referências.

Pesquisa empírica: Artigo baseado em dados empíricos (estudos de grupos de participantes ou estudos de casos clínicos), repartido em Introdução (sem subdividir em tópicos); Método (participantes, instrumentos ou materiais e procedimentos de coleta de dados, procedimentos éticos, análise dos dados); Resultados; Discussão; Conclusão ou Considerações finais; e Referências.

Relato de experiência profissional: Artigo sobre experiência profissional que possa contribuir com a prática de atuação dos profissionais da psicologia, organizado em Introdução (sem subdividir em tópicos); Método (participantes, instrumentos ou materiais e procedimentos de coleta de dados, procedimentos éticos, análise dos dados); Resultados; Discussão; Conclusão ou Considerações finais; e Referências.

Resenha de obra publicada recentemente: Resenha de livro publicado nos últimos dois anos, contendo Dados da obra; Introdução (incluindo uma justificativa sobre a relevância da obra para a atualidade); Conclusão ou Considerações finais; e Referências.

Entrevista com pesquisador de renome: Entrevista com pesquisador(a)(s), constantes em seções temáticas e edições especiais, organizadas com convidados pelo corpo editorial da revista, com uma breve descrição do(a)(s) entrevistado(a) (s), seguida de perguntas e respostas.

Recomenda-se que em todos os manuscritos sejam destacadas as contribuições para a área da psicologia clínica.

Normas para submissão

Para submeter um artigo:

1. Os manuscritos originais deverão ser submetidos online no endereço eletrônico https://submission.scielo.br/index.php/pc/index (plataforma OJS).
2. Os autores deverão inserir na plataforma os seguintes documentos:

2.1.**Texto do artigo**, sem identificação dos autores quer no início, quer nas propriedades do arquivo em Word, no método do artigo (como instituição e aprovação do comitê de ética) ou nas referências.

2.2.**Folha de rosto identificada**, conforme o modelo disponibilizado pela revista, anexada como documento suplementar.

2.3.**Carta de encaminhamento**, anexada como documento suplementar, assinada por todos os autores, atestando que o artigo não fere as normas éticas da profissão e da pesquisa com animais ou seres humanos, cedendo os direitos autorais à revista *Psicologia Clínica*, declarando não haver qualquer potencial conflito de interesse em relação ao artigo e assumindo plena responsabilidade por seu conteúdo.

2.4.***Checklist* de submissão**, conforme modelo disponibilizado pela revista, anexada como documento suplementar, assinada pelo autor principal, responsável pelo artigo.

3. Todos os manuscritos devem ser submetidos acompanhados dos documentos citados no item anterior. A omissão de qualquer deles causará a automática rejeição do manuscrito.
4. Todos os autores devem estar cadastrados no sistema e os dados inseridos devem ser completos (nome, titulação, afiliação, endereço, email, Orcid etc.).

Os autores serão comunicados imediatamente sobre o recebimento do manuscrito pelo Conselho Editorial.

Elaboração do manuscrito

O manuscrito deve ser apresentado em arquivo Word (doc ou docx), com todas as margens de 2,5cm, numeradas no cabeçalho à direita, em fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento duplo. Deve ter de 15 a 25 páginas, para artigos teóricos, empíricos e relatos de experiência, e de 6 a 10 páginas para resenhas e entrevistas. Todos os manuscritos devem seguir as normas do *Publication Manual of the American Psychological Association* (2020, 7ª edição), detalhadas aqui (em inglês). As submissões que não estiverem inteiramente de acordo com as normas serão rejeitadas.

A apresentação dos manuscritos deve seguir a seguinte ordem, em páginas separadas:

1. **Folha de rosto identificada**, conforme o modelo disponibilizado pela revista (carregar como documento suplementar):

- título em português, inglês e espanhol (até 12 palavras cada);
- título abreviado para cabeçalho (até 50 caracteres), na língua do artigo;
- nome de cada um dos autores, seguido da afiliação institucional de cada um (Instituição, Departamento, Programa de Pós-Graduação, Cidade, Estado e País);
- agradecimento ou indicação das fontes de financiamento (quando houver);
- endereço completo de autor para correspondência (endereço com CEP e email do autor).

2. **Texto do artigo**, sem identificação (documento principal), com todas as páginas numeradas sequencialmente:

2.1.Títulos

- título em português, inglês e espanhol (até 12 palavras cada);
- título abreviado para cabeçalho (até 50 caracteres), na língua do artigo;

Apenas a primeira letra do título (e subtítulo, se houver) deve estar em maiúscula, exceto nomes próprios e siglas.

2.2.Resumos (em nova página)

- resumo em português (de 150 a 200 palavras);
- palavras-chave em português (de três a cinco);
- abstract em inglês (tradução do resumo, de 150 a 200 palavras);
- key words (tradução das palavras-chave);
- resumen em espanhol (tradução do resumo, de 150 a 200 palavras);
- palabras-clave em espanhol (tradução das palavras-chave).

Os resumos devem ser um único parágrafo, com a mesma fonte, corpo, espaçamento e alinhamento do texto principal. Não devem conter referências, siglas e abreviações. Os resumos devem ser sucintos, destacando o problema investigado, objetivos, método, resultados e conclusões ou considerações finais e destacar a importância do manuscrito para a área da psicologia clínica.

A indicação "palavras-chave" (e equivalentes em outros idiomas) deve estar em itálico, seguida de dois pontos, com os termos separados por vírgulas. Todas as palavras-chave devem ser obtidas do BVS-PSI (http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&lang=P&base=TERMINOLOGIA).

2.3. Texto (em nova página)

As seções serão indicadas por entretítulos em negrito. Não inicie nova página a cada seção; separe-as com uma linha em branco. Os entretítulos de segundo nível, se houver, devem estar em itálico. Não utilize mais de dois níveis de entretítulo. Apenas a primeira letra de cada entretítulo deve ter inicial maiúscula, exceto nomes próprios e siglas. A seção inicial do artigo deve ter um entretítulo (em geral, "Introdução") diferente do título do artigo.

De modo geral, o texto do artigo deve ser organizado em Introdução, Método, Resultados, Discussão, Conclusão ou Considerações finais e Referências. Se necessário, outras seções podem ser acrescentadas. Em alguns estudos, pode ser conveniente apresentar resultados e discussão juntos, embora tal estratégia não seja recomendável como regra geral.

2.4. Notas

Somente utilize notas se forem imprescindíveis, caso em que devem ser postas numa seção "Notas", em nova página, após as referências, denotadas por números arábicos. No texto, as chamadas respectivas trazem esses números, em sobrescrito. A ferramenta de notas de rodapé ou de fim do Word não deve ser utilizada.

2.5. Anexos

Apenas use anexos se forem realmente necessários para a compreensão do texto. Eles devem constar em nova página, após as referências e notas.

2.6. Figuras e Tabelas

As figuras e tabelas devem ser inseridas cada uma em páginas separadas, no final do arquivo.

As figuras devem estar em formato jpeg ou png, com até 11cm x 17,5cm, e devem ser legíveis se impressas em preto e branco, mesmo que apresentadas em imagem colorida. As figuras também devem ser enviadas separadamente, em arquivos editáveis, para revisão da parte textual.

As tabelas devem ser preparadas com a ferramenta de tabela do Word (não como imagem), na mesma fonte do texto, sem utilizar cor ou sombreamento, e não podem exceder a largura de 11cm (ou 17,5cm, se em orientação paisagem). Caso alguma tabela se estenda por mais de uma página, utilize o recurso do Word para repetir o cabeçalho em cada página.

Cada tabela terá notas com legendas especificando o significado de abreviações e símbolos utilizados. Tabelas obtidas de obras preexistentes devem mencioná-la nas notas ("Fonte:..."). Isso é desnecessário se a tabela tiver sido elaborada pelos próprios autores.

Imagens com direitos autorais devem ser acompanhadas de carta de autorização de uso de imagem para publicação.

Os locais sugeridos para inserção de figuras e tabelas serão indicados ao longo do texto – por exemplo: [inserir Tabela 1]. Cada figura e tabela deve ser mencionada no texto pelo menos uma vez, com a palavra escrita com letra inicial maiúscula, junto com o número respectivo – por exemplo: Tabela 1.

2.7. Referências e citações

Todos os manuscritos devem citar as referências seguindo as normas da 7ª edição do *Publication Manual of the American Psychological Association*, detalhadas aqui. Não inicie nova página para a seção de Referências e não as numere. Use a mesma fonte, corpo e espaçamento do texto, mas com deslocamento (*outdent*) de 1,25cm. As referências devem ser citadas em ordem alfabética, pelo sobrenome do autor. Cada referência deve constar como novo parágrafo e os sobrenomes devem ter apenas a inicial maiúscula. Nunca utilize travessão para indicar obras de mesmo(s) autor(es);

repita os nomes.

Observe as normas de citação, dando crédito aos autores e as datas de publicação dos estudos referidos. A citação literal de um texto requer a referência ao número da página do trabalho de onde foi copiada. Todos as obras mencionadas devem ter o ano de publicação na primeira vez em que forem citadas em cada parágrafo. Evite utilizar citações secundárias, especialmente quando o manuscrito original pode ser recuperado com facilidade; caso utilizadas, as citações secundárias devem informar as referências originais. Não utilize op. cit., ibid., idem.

As citações literais com até 40 palavras devem estar no corpo do texto, entre aspas, com indicação do sobrenome do autor, o ano e a página – por exemplo: Bueno (2019, p. 32). As citações com mais de 40 palavras devem estar num novo parágrafo, com mesma fonte, corpo e espaçamento que o texto, mas com recuo de 1,25cm da margem esquerda, seguida da referência, com o sobrenome do autor, o ano e a página – por exemplo: (Bueno, 2019, p. 32).

Todas as referências disponíveis online devem incluir um link ativo. Artigos em periódicos com DOI devem apresentar o link completo (por exemplo, https://doi.org/10.1109/5.771073), sempre com "https" e sem "dx."; os manuscritos sem DOI devem ter URL com "https" sempre que disponíveis.

2.7.1. Autores

Na seção de referências, todos os autores da obra devem constar, salvo se forem mais de 20 (neste caso, liste os 19 primeiros, seguido de '...' e do último), com sobrenome e iniciais. Para obra de autoria institucional, use a sigla e o nome completo, separados por um traço: APA – American Psychiatric Association (2014).

Ao citar:

- obra com um autor: Rodrigues (2020) ou (Rodrigues, 2020).
- obra com dois autores: Soares e Vieira (2023) ou (Soares & Vieira, 2023).
- obra com três ou mais autores: use sobrenome do primeiro autor seguido de et al. ("et al." não deve estar em itálico; o ponto deve vir após "al", que é abreviação, e não após "et"): Nascimento et al. (2022) ou (Nascimento et al., 2022).
- obra de autoria institucional: use apenas a sigla: APA (2014) ou (APA, 2014).

2.7.2. Ano

Utilize o ano de publicação da edição citada. No caso de obras antigas e reeditadas, use o ano de publicação original e o da edição citada, separados por '/' (por exemplo: Freud, 1912/1969). Caso haja referências do mesmo autor e mesmos anos de publicação original e da edição citada, use letras minúsculas para diferenciá-las (por exemplo: Freud, 1939/1969a).

2.7.3. Citação ou referência secundária

Trata-se da citação de obra discutida noutra publicação consultada, sem utilizar o original. Por exemplo: Selye (1936, como citado em Lipp, 2001, p. 30). Na seção de referências, liste apenas a obra consultada (no caso, Lipp, 2001). Este tipo de citação deve ser evitado, sendo preferível buscar a obra original para citá-la.

Exemplos segundo as normas da APA (7ª ed.):

Artigo em periódico acadêmico:

Indique autores, ano, título do artigo e o periódico, com volume, fascículo e intervalo de páginas, seguido de link. Apenas o nome do periódico e o volume vão em itálico.

Bortolatto, M. O., Wagner, M. F. E., & Lopes, F. M. (2022). Treinamento em habilidades sociais com universitários: Um protocolo de intervenção grupal. *Psicologia Clínica*, *34*(2), 289-310. https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0034n02A04

Artigo em periódico, no prelo (aceito para publicação):

Indique, no lugar da data, que o artigo está no prelo. Inclua o nome do periódico após o título do artigo, sem informar ano e números de volume, fascículo ou páginas até que o artigo seja publicado.

Vieira, J. B., Souza, F., Soares, M., & Lorde, K. (no prelo). A prática do psicólogo escolar. *Psicologia Clínica*.

Livros:

Grafe o título em itálico, seguido da edição e o volume, se houver, e por fim a editora, sem local de publicação. Rodrigues, A.,

Assmar, E. L., & Jablonski, B. (2009). *Psicologia Social* (2ª ed.). Vozes.

Capítulos de livro:

Após o título do capítulo, escreva "In:" e a referência ao livro em que foi publicado, com o intervalo de páginas e a editora. O título do livro vai em itálico, mas não o do capítulo.

Levy, L. (2009). Terapia de casal e questões contemporâneas. In: I. C. Gomes (Org.), *Clínica psicanalítica de casal e família: a interface com os estudos psicossociais* (pp. 25-31). Livraria Santos Editora.

Trabalho apresentado em congresso (publicado ou não):

Rudge, A. M. (2000). *Pressupostos da "nova" crítica à psicanálise* [Resumo]. In Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), Psicologia no Brasil: Diversidade e desafios, XXX Reunião Anual de Psicologia (p. 27). Universidade de Brasília.

Landeira-Fernandez, J. (2008, 02–05 julho). *Different patterns of defensive freezing response associated with different anxiety disorders* [Apresentação de pôster]. XIII Congresso Colombiano de Psicologia, Bogotá, Colombia.

Tese ou dissertação (publicada ou não):

Souza, S. R. L. (2002). *A experiência de adolescentes abandonados e institucionalizados frente ao desligamento institucional* [Tese de doutorado], Universidade Católica de Pernambuco. Repositório Maxwell. https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=2219@1

Serra, D. C. G. (2008). *Entre a esperança e o limite: Um estudo sobre a inclusão de alunos com autismo em classes regulares* [Tese de doutorado não publicada]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Autoria

institucional:

APA – American Psychiatric Association (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5ª ed.). Artmed.

Contribuição dos autores

A contribuição de cada autor deve constar na folha de rosto de submissão do artigo. Recomenda-se que apenas pesquisadores que fizeram contribuições substanciais estejam entre os autores. Nas situações em que haja pesquisadores que colaboraram com a pesquisa, mas não fizeram contribuições significativas no manuscrito que justifique estar entre os autores, recomenda-se que seus nomes constem na seção de agradecimentos.

Conformidade com a Ciência Aberta

A revista *Psicologia Clínica* incentiva que os autores dos artigos compartilhem dados de análise, instrumentos, *scripts* de análise estatística, roteiros de entrevista, dentre outros materiais adicionais, em repositórios on-line abertos, e que essa informação seja indicada no manuscrito. Portanto, todas as pesquisas deverão indicar e referenciar a disponibilidade dos conteúdos utilizados para sua elaboração e obtenção dos resultados. Nas situações em que os dados não possam ser disponibilizados publicamente, os autores deverão justificar por escrito.

Os nomes dos editores responsáveis pelo processo de avaliação, encaminhamento aos revisores pareceristas, e aprovação dos manuscritos serão informados em cada artigo publicado. A lista de revisores responsáveis por avaliar os manuscritos de cada volume será publicada anualmente.

Nosso procedimento ao receber um manuscrito

Os manuscritos recebidos são inicialmente apreciados pela equipe da *Psicologia Clínica*, que analisa se o artigo é abrangido pelo escopo da revista e se todos os documentos de submissão foram preenchidos e enviados pelos autores conforme estas normas. Se estiverem de acordo com as normas e forem considerados adequados para publicação na revista *Psicologia Clínica*, serão encaminhados para consultores *ad hoc*, escolhidos pelos editores entre pesquisadores de reconhecida competência na área. Os consultores não terão acesso à identificação dos autores e nem os autores à dos consultores, pois a revista trabalha com o método de avaliação duplo-cego. Todos os artigos são enviados a no mínimo dois avaliadores. Após análise cega do manuscrito, os consultores *ad hoc* recomendam sua aceitação para publicação, sugerem modificações antes do aceite (que visam a melhorar a clareza ou precisão do texto) ou o rejeitam. Os autores serão notificados sobre as decisões ao longo do processo e informados sobre seu andamento ou sobre sua rejeição. A cada passo, os autores receberão cópias não identificadas dos pareceres dos consultores. O Conselho Editorial reserva-se o direito de fazer modificações no texto dos autores para agilizar o processo de submissão ou publicação dos manuscritos.

Reformulação do manuscrito e procedimentos para aceite final

Os autores de manuscritos recomendados para aceitação com modificações deverão informar sobre as reformulações realizadas, destacando os trechos modificados no corpo do texto, preferencialmente em cor. Caso os autores decidam não realizar algumas das modificações sugeridas, devem justificar sua decisão; ficará a critério do Conselho Editorial a

decisão final sobre a publicação do artigo. Os autores devem enviar uma carta com as alterações que foram acatadas (indicando as páginas onde foram realizadas modificações). Esta carta e o manuscrito reformulado (ambos sem identificação dos autores) serão encaminhados novamente aos pareceristas para análise. Caso as reformulações estejam a contento, o artigo é aprovado. Caso contrário, o artigo pode ser rejeitado ou novas modificações podem ser solicitadas. Recomenda-se que os autores traduzam o artigo para o inglês, após aceito, para publicação nessa língua.

Ética na publicação

Os artigos submetidos à revista *Psicologia Clínica* passam por análise de plágio no software CopySpider. Artigos detectados como contendo plágio serão imediatamente rejeitados e devolvidos para os autores. Quando um artigo for derivado de tese ou dissertação de algum dos autores, é necessário informar o fato no texto, citando a tese ou dissertação, que deverá constar na seção de referências. Esta entrada nas referências, bem como outras informações que possam identificar os autores, devem ser removidas do documento principal e incluídas na folha de rosto, conforme instruções na seção "Assegurando a Avaliação Cega" da *checklist*. Após a aceitação do manuscrito, tais informações devem ser recolocadas no documento principal.

A revista *Psicologia Clínica* desenvolve seu trabalho em conformidade com os princípios éticos do COPE (Committee on Publication Ethics) e o "Guia de Boas Práticas para o Fortalecimento da Ética na Publicação Científica" da SciELO.

Direitos autorais

A revista *Psicologia Clínica* detém os direitos autorais sobre todos os artigos publicados. A reprodução total de qualquer artigo desta revista em outras publicações, ou para qualquer outro fim, por quaisquer meios, requer autorização por escrito do editor. Reproduções parciais de artigos (resenhas com mais de 500 palavras de texto, tabelas, figuras ou ilustrações) deverão também ter permissão por escrito do editor e dos autores.

Todo o conteúdo da revista é disponibilizado sob uma licença Creative Commons CC-BY 4.0 (atribuição não comercial). A revista *Psicologia Clínica* incentiva os autores a divulgarem a versão final de seus artigos em seus sites pessoais e institucionais, na forma de link para a página do artigo no site em que a revista é publicada.

Taxas

A revista *Psicologia Clínica* não cobra taxas de submissão e de publicação dos artigos. Após aceitos, revisados e diagramados, os artigos ficam disponíveis em repositórios abertos e de livre acesso. Os autores são responsáveis apenas por custear a tradução dos artigos que queiram publicar em outro idioma.

Procedimento de submissão

Os manuscritos devem ser submetidos por meio do sistema de submissão on-line: https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/pc/login. Para mais informações, envie email para psirevista@puc-rio.br.

Editorial

Texto de responsabilidade dos editores da revista, sobre o número publicado.

Artigos

Recebe textos originais aprovados por avaliação.

Declaração de Direito Autoral

A revista *Psicologia Clínica* detém os direitos autorais sobre todos os artigos publicados. A reprodução total de qualquer artigo desta revista em outras publicações, ou para qualquer outro fim, por quaisquer meios, requer autorização por escrito do editor. Reproduções parciais de artigos (resenhas com mais de 500 palavras de texto, tabelas, figuras ou ilustrações) deverão também ter permissão por escrito do editor e dos autores.

Todo o conteúdo da revista é disponibilizado sob uma licença Creative Commons CC-BY 4.0 (atribuição não comercial). A revista *Psicologia Clínica* incentiva os autores a divulgarem a versão final de seus artigos em seus sites pessoais e institucionais, na forma de link para a página do artigo no site em que a revista é publicada.